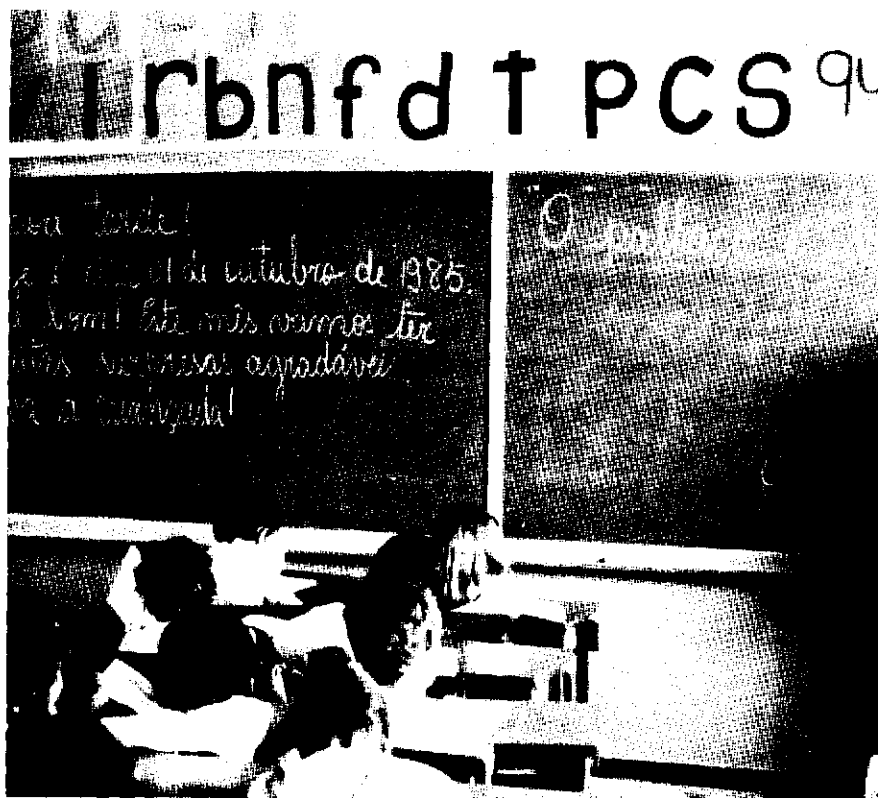


MORRO ALTO:

Uma experiência de trabalho participativo



Magali de Castro, Maria Auxiliadora Campos Araújo Machado, Neusa Maria Oliveira Macêdo*

Professores e alunos da Faculdade de Educação da UFMG desenvolveram um trabalho participativo na Comunidade de Morro Alto, como parte do Projeto Integração Universidade-Escola de 1º grau da SESU/MEC.**

Participaram do trabalho em Morro Alto as professoras Magali de Castro, Maria Auxiliadora Campos Araújo Machado e Neusa Maria Oliveira Macêdo e as estagiárias: Ângela Maria de Moraes, Denise Martins Generoso e Maria da Glória da Costa Linhares. O Diretório Acadêmico da FAE também participou em algumas atividades.

* Professoras da Faculdade de Educação da UFMG.

Morro Alto é um conjunto habitacional, distante 30 quilômetros de Belo Horizonte, pertencente ao município de Vespasiano. Construído pela Companhia de Habitação Popular - COHAB, abrigou os flagelados das enchentes de Belo Horizonte em janeiro de 1983. Essa população extremamente diversificada foi transferida para o conjunto habitacional sem nenhuma preparação, gerando sérios problemas sócio-econômicos. Um grave problema é o do desemprego e subemprego: a maioria dos nove mil habitantes de Morro Alto é menor de 18 anos e, como a quase totalidade da população favelada, não

possui qualificação profissional, apresenta baixo nível de escolaridade, quando não é analfabeta e, em consequência, não encontra oportunidades no mercado de trabalho. Tal situação foi agravada com a mudança para o conjunto, que os desintegrou das atividades que exerciam, geralmente na região central da cidade: biscates, lavagem de carros, jardinagem, serviços domésticos, faxina, venda de bilhetes de loteria, etc. Morar a 30 quilômetros do centro da cidade tornou praticamente impossível a continuidade de seu exercício dessas atividades, devido à dificuldade de acesso aos locais de trabalho e ao preço da condução. Ficou cada vez mais difícil a manutenção das famílias, geralmente numerosas, o que gerou a necessidade de se criar novas formas de subsistência, dentro do próprio conjunto. Tais formas foram surgindo como iniciativa dos próprios moradores que, muitas vezes, contaram com a ajuda de associações religiosas, sociais ou de órgãos que foram sendo implantados no bairro: instalação de bares e sinucas, capina, costura, fabricação de tijolos, etc.

A grande extensão do conjunto Morro Alto – três quilômetros de uma ponta a outra – e o grande número de crianças na faixa etária de 07 a 14 anos exigiram a criação e instalação de três escolas de 1º grau, localizadas em pontos estratégicos do conjunto: uma de 1ª a 4ª série em cada ponta e uma de 5ª a 8ª série no centro. Essas escolas sofreram o reflexo da situação social do conjunto, recebendo uma clientela carente, com famílias desintegradas e sem meios de subsistência. O primeiro ano de funcionamento das escolas revelou alto índice de repetência e evasão escolar, o que levou os técnicos dessas escolas, da Segunda Delegacia Regional de Ensino e da Secretaria de Estado da Educação a solicitarem a colaboração da Faculdade de Educação.

Iniciou-se, então, um trabalho participativo, com o objetivo de, através da união de esforços dos órgãos envolvidos – escolas, 2ª DRE, SEE-MG, FAE –, detectar os problemas vividos pela comunidade educacional de Morro Alto e buscar as alternativas viáveis para solucioná-los.

Não se pretendeu, em nenhum momento, levar respostas prontas e pré-fabricadas nos gabinetes da FAE ou da DRE, para as escolas de Morro Alto. O trabalho desenvolveu-se a partir da realidade das escolas, buscando, através de um esforço comum, soluções que fossem viáveis e que, princí-

palmente, contassem com a colaboração de toda a comunidade de Morro Alto. Para isso, optou-se, desde o início, por um trabalho em que se contou com a colaboração dos pais de alunos e líderes comunitários. Foram realizadas reuniões para levantamento e discussão dos problemas mais emergentes e suas possíveis soluções. Por exemplo: a comunidade escolar reivindicou, e conseguiu, que o Programa de Frangos e Ovos, implementado pela Diretoria de Assistência ao Educando para as Escolas Estaduais situadas na zona urbana de Belo Horizonte, atingisse também as escolas de Morro Alto, que está situado na grande BH, fora da área de influência do Programa. Em consequência, professores e pais se uniram para conseguir geladeiras e freezer para estocar a grande quantidade de frangos e ovos recebidos, e para preparar, em regime de mutirão, a merenda para ser congelada e não se perder.

À medida que as reuniões foram transcorrendo, sentiu-se a necessidade de uma discussão, em nível mais reflexivo, de uma série de temas que queriam, dada a sua complexidade, maior aprofundamento. Optou-se, então, por um trabalho paralelo: ao mesmo tempo em que o grupo interferia diretamente nas situações-problema, discutia-se em nível mais profundo as diversas inter-relações desses problemas com as condições de vida da população de Morro Alto. A partir daí, sentiu-se necessidade de leituras e discussões de textos que levassem a uma análise da criança de Morro Alto, sua família, seus problemas, suas limitações, suas necessidades e possibilidades, seus sonhos e frustrações. A equipe da FAE selecionou e discutiu com o grupo diversos textos que possibilitaram maior conhecimento da criança de Morro Alto e ajudaram as professoras na busca de novas formas de ensinar, observar e avaliar o desenvolvimento e os trabalhos das crianças. Por exemplo, foi elaborada, pelo grupo, uma ficha de observação de alunos. Após ser testada, revisada e ampliada, essa ficha foi preenchida pelas professoras que, paralelamente ao preenchimento, iam descobrindo e sugerindo novas modificações para os próximos anos. As mães foram chamadas para dar informações sobre seus filhos ou, muitas vezes, as professoras iam à casa de seus alunos. À medida que as fichas iam sendo preenchidas, o grupo discutia sua validade, analisava os dados obtidos, passando a ver o aluno sob nova perspectiva. Nas reuniões do

grupo, professoras discutiam os dados de seus alunos, dando depoimentos bastante interessantes, como por exemplo: "Agora descobri porque o fulano é tão parado, tão fora das atividades. Ele dá acessos e toma uma dose bem alta de tranquilizante". Questões surgiam desses depoimentos: "O que poderemos fazer pelo fulano? Como trabalhar com ele a partir desse fato?". Tais questões eram discutidas pelo grupo com o objetivo de se buscar as alternativas de ação para cada caso.

Essa dinâmica de trabalho tornou-se muito interessante e observa-se, na mesma reunião, a discussão de temas diversos, tais como: educação sexual, interferência policial na escola, como dar aulas de composição, agressão de alunos a colegas e manejo de classe, reclamações de serviços, necessidade de ampliação de instalações sanitárias. A equipe da FAE procurava não direcionar os temas, mas buscava sempre relacionar os diferentes assuntos em evidência e analisá-los sob a perspectiva da realidade de Morro Alto.

Quando os assuntos emergentes e que necessitavam de discussão ou abordagem escapavam à competência dos membros da equipe, buscava-se o especialista necessário, onde quer que ele se encontrasse. Assim, foram abordados assuntos diversos que, embora não se relacionassem diretamente à área de educação, influenciavam e interferiam na vida e no trabalho das escolas de Morro Alto. A título de exemplo, são relacionados aqui alguns dos assuntos abordados nas reuniões do grupo: trato de animais e plantas, horta comunitária, criação de cabras, sopão, necessidade de criação de grupos da comunidade para resolução de problemas mais urgentes, calçamento e conservação de ruas, perfuração de poços artesanais, construção de quadra esportiva, instalação de biblioteca comunitária, disciplina, manejo de classe, programas de ensino, conteúdos curriculares, alfabetização, artes, construção de muro na escola, invasão da escola por marginais, estupro, depredações, aulas de composição, montagem de uma padaria no bairro, atuação das mulheres na capina, plantação de mandioca, papel da mulher de Morro Alto, medicina caseira, etc. Na medida em que os temas e problemas ampliavam-se, o grupo articulava-se com outras entidades e grupos responsáveis por projetos em execução no bairro: Secretaria de Estado da Saúde – instalação de Posto Médico e de Medicina Preventiva; Secretaria da Agricultura – criação de hortas comunitárias; Secre-

taria do Trabalho e Ação Social – instalação da Fábrica de Tijolos e manutenção da sopa comunitária; Projeto Metropolitano da UFMG – criação de cabras; Escola de Educação Física da UFMG – competições poliesportivas; e Secretaria de Estado da Educação – instalação e funcionamento da Biblioteca Comunitária e da quadra poliesportiva.

Merecem destaque o material, os métodos e os processos pedagógicos de alfabetização que foram introduzidos em Morro Alto e estão sendo ainda utilizados. Partindo das experiências das crianças, optou-se por elaborar, com elas, suas próprias cartilhas, com vocabulário do seu dia-a-dia. O material de alfabetização consta de histórias compostas pelos alunos, envolvendo fatos de sua realidade. Essa metodologia despertou interesse muito grande tanto dos alunos quanto dos professores: os alunos, demonstrando mais participação na sala de aula e mais presença na escola; os professores, mais integrados e criativos na busca de recursos para o trabalho de cada etapa. A insegurança e o despreparo dos professores em cada fase do processo de alfabetização exigiram maior presença e ajuda dos professores e estagiários da FAE.

Através do acompanhamento direto e de minuciosa análise dos fatos no dia-a-dia da escola, professores e alunos da FAE puderam enriquecer sua prática pedagógica e encontraram excelente oportunidade de integração entre a teoria estudada na Faculdade e a prática vivenciada nas escolas de periferia: a experiência trouxe oportunidade de estágio para os alunos, o Diretório Acadêmico da FAE participou de atividades e comemorações do Dia da Criança e Natal e de reuniões com a comunidade. Professores e elementos da comunidade de Morro Alto foram chamados à FAE, em diversas ocasiões, para relatar suas experiências em cursos e painéis.

A prática vivenciada permitiu que se confirmassem alguns dos pressupostos que nortearam o programa:

- a evidência de que a comunidade, refletindo e discutindo seus problemas, necessidades e anseios, adquire forças para reivindicar, exigindo o atendimento aos direitos que lhe são negados;

- a consciência de que a alteração das práticas pedagógicas é progressiva e se dá num processo de transformação social, não podendo, portanto, ser programada por elementos externos ao

grupo, a partir de programas de treinamento-adestramento;

- a busca de integração, assumindo a idéia de que a educação se faz com o compromisso de todas as instâncias envolvidas no processo, onde a transformação acontece como o ideal societário e global.

No desenvolvimento do trabalho foram encontradas dificuldades e algumas situações embaraçosas interferiram substancialmente na prática pedagógica das escolas de Morro Alto:

- distância das escolas de Morro Alto do município-sede de Vespasiano, gerando o desinteresse do pessoal habilitado, abrindo caminho para o aproveitamento de professores leigos em caráter precário;

- alta rotatividade do corpo docente da escola, prejudicando o processo de trabalho: dada a escassez de vagas para o magistério público em Belo Horizonte, Morro Alto tem-se constituído em trampolim para o ingresso na carreira do magistério, por concurso público. Os professores nomeados, na maioria das vezes, ficam em Morro Alto, em caráter transitório, apenas aguardando remoção para outras localidades. A título de exemplo, em 1985 foi substituído quase todo o corpo docente da escola por professores concursados, levando o grupo a reiniciar todo o trabalho já desenvolvido, do qual haviam participado e no qual estavam integrados os professores que foram obrigados a deixar a escola, por serem contratados. Os novos professores, que percebiam Morro Alto apenas como uma passagem, não receberam bem o trabalho que estava sendo realizado. Além disso, houve rejeição por parte de alguns professores novos à clientela das escolas. Esses fatos levaram a uma modificação na estratégia de trabalho: as reuniões, que antes eram realizadas aos sábados, ou fora dos horários de aula, passaram a ser realizadas no horário de aula (único disponível pelos novos professores), ficando os alunos sob a responsabilidade de outros professores ou elementos da comunidade. A integração dos novos elementos exigiu um trabalho lento e penoso, mas os resultados foram positivos, pois na reunião final de avaliação houve depoimentos altamente compensadores, como por exemplo, de professores que abriram mão da transferência desejada anteriormente, por estarem engajados na escola e empolgados com o trabalho que vinham realizando;

- falta de ajuda efetiva do MEC/SESU, visto que as verbas solicitadas e concedidas só foram liberadas ao final do ano, quando os trabalhos escolares já estavam sendo encerrados. Tal fato gerou problemas que afetaram o trabalho;

- estava previsto um auxílio às professoras, para alimentação e transporte necessário ao retorno à escola ou aos locais de trabalho do grupo, em horário diferente do horário das aulas. Na falta desse auxílio, não se podia estender o trabalho para o turno seguinte, pois as professoras não dispunham de recursos para almoço ou transporte adicional;

- os estagiários da Faculdade encontraram sérias dificuldades financeiras para participarem do projeto, pois, além de não receberem em tempo hábil a ajuda de custo prometida, gastavam grande soma para a ida diária ao Morro Alto, cuja condução é uma das mais caras da região.

A equipe encontrou muitos altos e baixos nesse trabalho em Morro Alto. Foi uma tarefa árdua, permeada de momentos de rara beleza e envolvimento e de outros de extrema frustração e desânimo. A experiência foi enriquecedora; a equipe da FAE deixou em Morro Alto as marcas de sua passagem, mas também recebeu muito dessa comunidade. Portanto, nós, professores e alunos que participamos da rica experiência aqui relatada, fazemos nossas as palavras de Paulo Freire: "Sabíamos que tínhamos algo com que contribuir para a resposta àquele desafio. Se não o tivéssemos, não se explicaria a aceitação do convite. Mas, fundamentalmente, sabíamos que a ajuda que nos pediam só seria verdadeira na medida em que, em seu processo, jamais pretendéssemos ser os exclusivos sujeitos dela, reduzindo, assim, os racionais que a solicitavam, a puros objetos da mesma. A ajuda autêntica, não é demais insistir, é aquele em cuja prática os que nela se envolvem se ajudam mutuamente, crescendo juntos no esforço comum de conhecer a realidade que buscam transformar".¹

Referências Bibliográficas

1. FREIRE, Paulo. **Cartas a Guiné Bissau**; registros de uma experiência em processo. 3 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.